

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 319

Data: 12.19.84 Pg.: \_\_\_\_\_

### Clima de tensão pode causar novos conflitos em reserva

SALVADOR — Dez dias depois do atentado no qual saiu ferido com uma bala na cabeça o índio Antônio Júlio dos Santos, a convivência entre os Pataxó Ha-Ha-Hae e os fazendeiros que há anos ocupam terras da antiga reserva Paraguaçu-Caramuru continua extremamente difícil. Apesar da presença dos 40 policiais militares na área, os atentados e ameaças, que continuam acontecendo quase diariamente, poderão fazer novas vítimas a qualquer momento.

Essa hipótese, aliás, é admitida tanto pelos índios quanto pelos fazendeiros. Enquanto o Cacique Nelson Saracura afirma que os índios estão cercados por pistoleiros que atiram quando qualquer índio se aproxima da divisa de uma fazenda vizinha, os fazendeiros garantem que apenas protegem suas propriedades, freqüentemente invadidas e saqueadas pelos indígenas. O índio Maurílio Gomes dos Santos, que sobreviveu ao atentado, nega que naquele dia ele, Júlio e outros indígenas tenham tentado invadir qualquer fazenda.

O Cacique Pataxó Ha-Ha-Hae acha que se não houver o desarmamento, os brancos tentarão, a qualquer momento, invadir a Fazenda São Lucas.

— Nesse caso — avisa o Cacique — nós vamos resistir com as únicas armas que temos: nossas bordunas, flechas e pedras, e vai rolar muito sangue.

Cerca de dois quilômetros adiante da Fazenda São Lucas, o tenente PM Dirceu Bastos chefia um grupo de dez policiais que montam guarda na porteira da Fazenda Paraíso. Afirmando que a situação na área já está se normalizando, ele contesta Saracura, dizendo que os policiais sob seu comando não podem entrar na fazenda dos índios, considerada pela legislação território da União e sob jurisdição federal.

Os agentes federais deslocados para a área, segundo Nelson Saracura,

estiveram na fazenda uma única vez no último domingo:

— Passaram meia hora aqui e depois foram embora, achando que já estava tudo calmo — disse ele.

Mas o ambiente na Fazenda São Lucas nada tem de calmo. Acostumado a tratar da saúde dos índios, combatendo principalmente as verminoses e a desnutrição, o médico Antônio Carneiro Júnior diz que a cada dia são mais freqüentes, entre os Pataxó Ha-Ha-Hae, os casos de histerismo e outras doenças que aparecem em consequência do clima de constante tensão em que eles vivem.

Amedrontados e já impacientes com a demora da justiça em solucionar o problema, os índios, segundo o ex-Cacique Nailton Muniz, não pensam em vigar o companheiro, ainda que ele venha a morrer.

Nossa vingança — diz Nailton — é a recuperação de nossa terra, que está entregue à Justiça e que deve ser apressada, para não acabar de uma vez com as esperanças de nossa

gente. Nem Nailton nem Saracura admitem a possibilidade de uma solução desfavorável na área judicial. Acontece que os fazendeiros também esperam uma solução favorável. O Presidente do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau (CCPC), Humberto Mafuz, diz que os fazendeiros estão na posse mansa e pacífica da terra há dezenas de anos, grande parte com títulos dominiais conferidos pelo Estado da Bahia.

— Ao longo desse tempo, os fazendeiros implantaram roças de cacau, pastagens de gado, construíram casas e povoados, que constituem um grande patrimônio — diz ele.

Com efeito, a produção de cacau da área conflitada é estimada em 400 mil arrobas anuais e o rebanho bovino é de mais de 70 mil cabeças. Mafuz entende que "na hipótese absurda de uma decisão judicial favorável aos índios, os fazendeiros terão que ser indenizados por tudo o que ali construíram".



Cacique pataxó Nelson Saracura



O índio Maurílio acusa os fazendeiros